

**A
VIDA
FELIZ**

SÊNECA

A
VIDA
FELIZ

Tradução
Fábio Meneses Santos



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do inglês
*Seneca's morals of a happy life,
benefits, anger and clemency*

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Sêneca

Diagramação
Fernando Laino | Linea Editora

Tradução
Fábio Meneses Santos

Design de capa
Ana Dobón

Preparação
Walter Sagardoy

Imagens
Fran_kie/shutterstock.com;
Simple Line/shutterstock.com

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Traduzido a partir da versão em inglês de Sir Roger L'Estrange.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S475v	Sêneca A vida feliz / Sêneca ; traduzido por Fábio Meneses Santos. - Jandira, SP : Principis, 2021. 160 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Clássicos da literatura mundial) Tradução de: Seneca's morals of a happy life, benefits, anger and clemency ISBN: 978-65-5552-288-4 1. Filosofia. 2. Sêneca. I. Santos, Fábio Meneses. II. Título. III. Série.	CDD 170 CDU 17
2021-75		

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia : Sêneca 170
2. Filosofia : Sêneca 17

1ª edição em 2021
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

De uma vida feliz, e no que ela consiste	7
A felicidade humana é fundada na sabedoria e na virtude; mas, primeiro, na sabedoria	11
Não pode haver felicidade sem virtude	16
A filosofia é o guia da vida	25
A força dos preceitos	33
Nenhuma felicidade é como a paz da consciência	41
Um homem bom nunca pode ser infeliz, nem um homem mau, feliz	46
A devida contemplação da providência divina é a cura certa para todo o infortúnio	51
Da leviandade da mente e outros impedimentos de uma vida feliz	58
Aquele que estabelece o seu descanso sobre contingências nunca estará em repouso	65
Uma vida sensual é uma vida triste	71
Avareza e ambição são insaciáveis e incansáveis	78
Esperança e medo são a ruína da vida humana	84
É de acordo com a estimativa verdadeira ou falsa das coisas que somos felizes ou infelizes	88
As bênçãos da temperança e moderação	92

A constância de pensamento dá reputação ao homem e o faz feliz, apesar de todos os infortúnios.....	100
Nossa felicidade depende em grande medida da escolha de nossas companhias.....	109
As bênçãos da amizade	114
Aquele que estiver feliz deve levar em conta o seu tempo	119
Feliz é o homem que pode escolher seu próprio negócio	126
O desprezo pela morte torna todas as misérias da vida fáceis para nós.....	132
Consolo contra a morte, da providência e da necessidade dela	140
Contra a tristeza imoderada pela morte dos amigos.....	145
Consolo contra o banimento e a dor física	151
A pobreza, para um homem sábio, é mais uma bênção do que um infortúnio	155



DE UMA VIDA FELIZ, E NO QUE ELA CONSISTE

Não há nada neste mundo, talvez, que seja mais falado e menos compreendido do que o assunto de uma vida feliz. É o desejo e o desígnio de todo homem; e, no entanto, nem um entre mil sabe em que consiste essa felicidade. Vivemos, entretanto, em uma busca cega e ávida por ela; e quanto mais pressa colocamos na direção errada, mais longe estamos ao final de nossa jornada. Vamos, portanto, primeiro considerar “o que é e aonde devemos chegar”; e, em segundo lugar, “qual é a maneira mais rápida de alcançá-la”. Se estivermos certos, descobriremos a cada dia o quanto melhoramos; mas, se seguirmos o chamado ou a trilha das pessoas que estão fora do caminho, podemos contar em seguirmos perdidos e continuar nossos dias vagando no erro. Portanto, é muito importante levarmos conosco um guia hábil; pois não acontece aqui, como em outras viagens, onde a estrada nos conduz ao nosso lugar de repouso; ou, se por acaso um homem se desviar, onde os habitantes o possam reconduzir ao caminho: mas, ao contrário, a estrada mais conhecida aqui é a mais perigosa, e o povo, em vez de nos ajudar, nos desencaminha.

Não sigamos, portanto, como os animais, mas antes nos governemos pela razão do que pelo exemplo. Ele nos acompanha na vida humana como em um exército derrotado; um tropeça primeiro, depois outro caindo sobre ele, e assim sucessivamente, um olhando só para a nuca do outro, até que todo o campo se torne apenas um amontoado de desvalidos. E o mal é “que o grosso da multidão o carrega contra a verdade e a justiça”, de modo que devemos deixar a multidão se quisermos ser felizes, pois a questão de uma vida feliz não deve ser decidida por uma votação; não, tão longe disso, que a pluralidade de vozes ainda é um argumento daquele que se equivoca; as pessoas comuns acham mais fácil acreditar do que julgar e se contentam com o que é trivial, nunca avaliando o que é bom ou não. Por pessoas comuns entendam o homem nobre, tanto quanto o de sapatos remendados: pois eu não os distingo com os olhos, mas pela mente, que é o juiz adequado do homem. A felicidade mundana, eu sei, deixa a cabeça tonta; mas, se alguma vez um homem se voltar para si mesmo, ele confessará que “tudo o que ele tenha feito, deseja que pudesse ser desfeito”; e que “as coisas que ele temia um dia eram bem melhores do que aquelas pelas quais ele rezava”.

A verdadeira felicidade da vida é estar livre de perturbações, compreender nossos deveres para com Deus e os homens: desfrutar o presente sem nenhuma dependência ansiosa do futuro. Não para nos distrairmos com esperanças ou temores, mas para ficarmos satisfeitos com o que já temos, que é abundantemente suficiente; pois aquele que assim procede não deseja mais nada. As grandes bênçãos da humanidade estão dentro de nós e ao nosso alcance; mas, se fechamos os olhos, como pessoas no escuro tropeçamos exatamente naquilo que procuramos e continuamos sem encontrá-lo. “A tranquilidade é uma certa equalização do espírito, que nenhuma condição de destino pode exaltar ou deprimir.” Nada pode torná-la menor, pois é o estado de perfeição humana: ela nos leva tão alto quanto podemos atingir e torna cada homem seu próprio suporte, ao passo que aquele que é sustentado por qualquer outra coisa pode cair. Aquele que julga corretamente e persevera nisso goza de uma calma perpétua: ele

consegue uma perspectiva verdadeira das coisas; ele observa uma ordem, uma medida e um decoro em todas as suas ações; ele tem uma benevolência em sua natureza; ele enquadra sua vida de acordo com a razão; e atrai para si amor e admiração. Sem um julgamento correto e imutável, todo o resto é apenas flutuação, mas “aquele que sempre deseja e despreza a mesma coisa, sem dúvida, está correto”. A liberdade e a serenidade de espírito devem necessariamente resultar do domínio daquelas coisas que nos atraem ou nos assustam; em vez desses prazeres extravagantes (que mesmo na melhor das hipóteses são vãos e prejudiciais quando combinados), devemos estar possuídos por alegria transbordante e eterna.

Deve ser uma mente firme o que torna o homem feliz; deve haver constância sob quaisquer condições, cuidado com as coisas deste mundo, mas sem problemas; e tal é a indiferença pelas generosidades do destino que, seja com elas, seja sem elas, podemos viver contentes. Não deve haver lamentação, nem discussão, nem preguiça, nem medo, pois eles causam discórdia na vida de um homem. “Aquele que teme, serve.” A alegria de um homem sábio permanece firme, sem interrupção; em todos os lugares, em todos os momentos, e sob qualquer condição, seus pensamentos são alegres e tranquilos. Como nunca entrou nele, vinda de fora, então nunca o deixará; mas nasce dentro dele e torna-se indissociável dele. É uma vida solícita que é estimulada pela esperança em qualquer coisa, embora nunca seja tão aberta e fácil; não, embora um homem nunca deva sofrer qualquer tipo de decepção. Não digo isso para impedir o gozo justo dos prazeres lícitos, nem para barrar a suave sedução das expectativas razoáveis; mas, pelo contrário, gostaria que os homens estivessem sempre de bom humor, contanto que esse bom humor tivesse origem em suas próprias almas e fosse cultivado em seus próprios seios. Outros prazeres são triviais; podem relaxar os semblantes, mas não preenchem nem afetam o coração. “A verdadeira alegria é um movimento sereno e sóbrio”; e estão miseravelmente enganados aqueles que tomam o riso farto pela verdadeira alegria. Sua origem é interna, e não há alegria como a resolução de uma mente corajosa, que tem o destino sob seus pés. Aquele que encara a morte e lhe

dá boas-vindas, que abre sua porta para a pobreza e refreia seus apetites, este é o homem a quem a Providência colocou no comando das delícias invioláveis. Os prazeres do homem vulgar são infundados, fracos e superficiais, mas os dos outros são sólidos e eternos. Como o próprio corpo, que é mais uma coisa necessária do que uma grande coisa, o conforto a ele relacionado é apenas temporário e vão; além disso, sem uma moderação extraordinária, seu fim é apenas a dor e o arrependimento; ao passo que uma consciência pacífica, os pensamentos honestos, as ações virtuosas e uma indiferença por eventos comuns são bênçãos sem fim, sem saciedade ou medida. Esse estado de felicidade consumado é apenas uma submissão aos ditames da correta natureza; “Sua base são a sabedoria e a virtude, o conhecimento do que devemos fazer e a conformidade da vontade com esse conhecimento”.



À FELICIDADE HUMANA É FUNDADA NA SABEDORIA E NA VIRTUDE; MAS, PRIMEIRO, NA SABEDORIA

Assumindo que a felicidade humana se baseia na sabedoria e na virtude, trataremos desses dois pontos na ordem em que se encontram: e, primeiro, da sabedoria; não na latitude de suas várias operações, mas pela consideração que tem pela boa vida e pela felicidade da humanidade.

A sabedoria é o entendimento correto, uma faculdade de discernir o bem do mal; o que deve ser escolhido e o que deve ser rejeitado; um julgamento baseado no valor das coisas, e não na opinião comum sobre elas; uma igualdade de forças e um poder de decisão. Ela zela por nossas palavras e ações, leva-nos à contemplação das obras da natureza e nos torna invencíveis diante do bom ou do mau destino. É grande e espaçosa, e requer muito espaço para ser trabalhada; vasculha o céu e a terra; tem por objeto coisas passadas e futuras, transitórias e eternas. Ela examina todas as circunstâncias do tempo; “O que é, quando começou e por quanto

tempo continuará: e assim também para a mente; de onde veio; do que se trata; quando começa; quanto tempo dura; se passa ou não de uma forma para outra, ou se serve apenas a uma forma e vagueia quando nos deixa; se ela permanece em um estado de separação, e qual a ação decorrente disso; que uso faz de sua liberdade; se retém ou não a memória de coisas passadas, e se chega ao conhecimento de si mesma”. É o hábito de uma mente perfeita, e a perfeição da humanidade, elevada tão alto quanto a Natureza pode carregá-la. Diferencia-se da filosofia como a avareza e o dinheiro; uma deseja e a outra é desejada; uma é o efeito e a recompensa da outra. Ser sábio é usar a sabedoria, como ver é usar os olhos, e falar é usar da eloquência. Aquele que é perfeitamente sábio é perfeitamente feliz; não, o próprio despertar da sabedoria torna a vida mais fácil para nós. Tampouco é suficiente saber disso, a menos que o gravemos em nossas mentes por meio da meditação diária, e assim transformando a boa vontade em um bom hábito. E devemos praticar o que pregamos: pois a filosofia não é assunto para ostentação popular; nem repousa em palavras, mas em ações. Não é um entretenimento levado como um deleite, ou para dar um sabor adicional ao nosso lazer; mas habitua a mente, governa nossas ações, diz-nos o que devemos fazer e o que não devemos fazer. Ela está no leme e nos guia por todos os perigos; não, não podemos estar seguros sem ela, pois cada hora vivida nos dá a oportunidade de fazer uso dela. Informa-nos em todos os deveres da vida: piedade para com nossos pais, fé para com nossos amigos, caridade para com os miseráveis, julgamento nos conselhos; dá-nos a paz por não temer nada e a riquezas por não cobiçar nada.

Não há condição de vida que impeça um homem sábio de cumprir seu dever. Se o seu destino for bom, ele o fortalece; se for ruim, ele o domina; se ele possui uma propriedade, ele exercerá sua virtude com abundância; se não tiver nenhuma, o fará na pobreza; se ele não pode fazer isso em seu país, ele o fará no exílio; se ele não tem condições para o comando, ele o fará no ofício de um soldado comum. Algumas pessoas têm a habilidade de recuperar o mais feroz dos animais; farão um leão abraçar seu cuidador, um tigre beijá-lo e um elefante se ajoelhar diante

dele. Este é o caso de um homem sábio nas mais extremas dificuldades: que nunca sejam tão terríveis em si mesmas; quando chegam até ele uma vez, são perfeitamente domadas.

Aqueles que atribuem a invenção da lavoura, arquitetura, navegação, etc. a homens sábios, podem porventura estar certos, que foram inventados por homens sábios como homens sábios; pois a sabedoria não ensina nossos dedos, mas as nossas mentes: tocar e dançar, armamentos e fortificações eram obras do luxo e da discórdia; mas a sabedoria nos instrui no caminho da natureza e nas artes da unidade e da concórdia, não nos instrumentos, mas no governo da vida; não para nos fazer viver apenas, mas para vivermos felizes. Ela nos ensina quais coisas são boas, quais coisas são más e quais apenas aparentam ser uma coisa ou outra; e a distinguir entre a verdadeira grandeza e a falsidade. Ela limpa nossas mentes de impurezas e vaidade; ela eleva nossos pensamentos ao céu e pode nos levar ao inferno: ela discorre sobre a natureza da alma, seus poderes e faculdades; os primeiros princípios das coisas; a ordem da Providência: ela nos exalta das coisas corporais às coisas incorpóreas e recupera a verdade de tudo: ela busca a Natureza, regula a vida; e nos diz: “Que isso não é suficiente para Deus, a menos que lhe obedeçamos”: ela vê todos os acidentes como atos da Providência: dá o verdadeiro valor das coisas; livra-nos de falsas opiniões e condena todos os prazeres associados ao arrependimento. Ela não permite que nada que seja bom não o seja para sempre; que nenhum homem seja feliz, que não precise de outra felicidade senão a que tem dentro de si. Esta é a felicidade da vida humana; uma felicidade que não pode ser corrompida nem extinta: ela investiga a natureza dos céus, a influência das estrelas; quão profundamente elas operam em nossas mentes e corpos: quais os pensamentos, que, embora não formem nossos modos, ainda nos elevam e nos dispõem para coisas gloriosas.

Todos concordam que “a razão correta é a perfeição da natureza humana”, e a sabedoria, apenas o seu ditame. A grandeza que surge dela é sólida e inabalável, as resoluções da sabedoria, sendo livres, absolutas e

constantes; ao passo que a loucura nunca fica satisfeita com a mesma coisa, muda constantemente de conselhos e fica logo farta de si mesma. Não pode haver felicidade sem constância e prudência, pois um homem sábio deve escrever sem rasuras, e do que ele gosta uma vez deve aprovar para sempre. Ele não admite nada que seja mau ou escorregadio, mas marcha sem cambalear ou tropeçar, e nunca se surpreende; ele vive sempre fiel e firme a si mesmo e, aconteça o que acontecer com ele, esta grande artífice de ambos os destinos torna-se uma vantagem; aquele que recusa e hesita ainda não está completo; mas, onde quer que a virtude se interponha, deve haver concórdia e consentimento de ambas as partes; pois todas as virtudes estão de comum acordo, assim como todos os vícios estão em desacordo. O sábio, em qualquer condição em que se encontre, ainda será feliz, pois submete todas as coisas a si próprio, porque se submete à razão e governa suas ações por conselhos, não por paixões.

Ele não é abalado pela grande violência do destino, nem com os extremos do fogo e da espada; ao passo que um tolo tem medo de sua própria sombra e se surpreende com acidentes ou doenças, como se todos estivessem dirigidos para ele. Ele não faz nada de má vontade, pois tudo o que se faz necessário ele o faz por sua própria escolha. Ele pondera consigo mesmo sobre o escopo e o fim certos da vida humana: ele segue o que o conduz pela vida e evita o que pode atrasá-lo. Ele está contente com sua sorte, seja ela qual for, sem desejar o que não tem, embora, entre os dois, ele preferisse ter abundância a desejos. O grande negócio de sua vida, como o da natureza, é realizado sem tumulto ou barulho. Ele não teme o perigo ou o provoca, mas por sua cautela, não por falta de coragem; para o cativo, as feridas e as correntes, ele apenas os encara como um terror falso e linfático. Ele não finge para passar por tudo o que aceita fazer, mas faz bem o que decide fazer. As artes são apenas criadas; a sabedoria está no comando, e, onde a matéria falha, a culpa nunca é do trabalhador. Ele é cauteloso nos casos duvidosos, na prosperidade é temperado e é decidido na adversidade, ainda fazendo o melhor em todas as condições, e aproveitando todas as ocasiões para torná-las úteis ao seu destino. Alguns

acidentes podem ocorrer, que confesso que podem afetá-lo, mas não o derrubar, como as dores corporais, a perda de filhos e de amigos, a ruína e a desolação da pátria de um homem. Somente alguém feito de pedra ou de ferro para não ser sensível a essas calamidades; além disso, não seria virtude suportá-los se um corpo não os pudesse sentir.

Existem três graus de proficiência na escola de sabedoria. Os primeiros são aqueles que a enxergam, mas não estão à sua altura: eles aprenderam o que devem fazer, mas não colocaram seu conhecimento em prática; já passaram do risco de uma recaída, mas ainda têm os sintomas da doença, embora estejam fora do perigo dela. Por doença entendo uma obstinação no mal, ou um mau hábito, que nos torna excessivamente ávidos por coisas que ou não são muito desejáveis ou ainda totalmente indesejáveis. Os do segundo tipo são aqueles que sujeitaram seus apetites por um período, mas ainda temem recuar. Um terceiro tipo são aqueles que estão livres de muitos vícios, mas não de todos. Não são cobiçosos, mas talvez sejam coléricos; nem luxuriosos, mas talvez ambiciosos; eles são firmes o suficiente em alguns casos, mas fracos o suficiente em outros: há muitos que desprezam a morte, mas ainda assim se encolhem de dor. Há diversidade nos sábios, mas não há desigualdades: um é mais afável, outro mais pronto, um terceiro fala melhor; mas a felicidade em todos eles é idêntica. É nesse, como nos corpos celestes, que existe certo estado de grandeza.

Nos assuntos civis e domésticos, um homem sábio pode necessitar de conselhos, como os de um médico, de um advogado ou de um consultor; mas, em assuntos maiores, a bênção dos homens sábios repousa na alegria que eles obtêm na comunicação de suas virtudes. Se nada mais houvesse nele, o homem se dedicaria à sabedoria, porque ela o acomoda em perfeita tranquilidade de espírito.